

O QUE É UM AUTOR NA INTERNET?

Fabiana KOMESU¹ (Instituto de Estudos da Linguagem/Universidade Estadual de Campinas)

ABSTRACT: *This article aims to discuss a conception regarding the authorship in the internet. Considering the study of a specific discursive gender (the blogs), I discuss the process of recognition of gender styles and individual styles in language.*

KEYWORDS: *Discursive genders; authorship; writing; blogs; Discursive Analysis.*

0. Introdução

O objetivo deste artigo é analisar a questão de uma noção de autoria na internet. Buscamos problematizá-la no âmbito da discussão dos gêneros de discurso, em particular, em uma atividade verbal fundada na escrita dos *blogs*, os chamados diários da internet². Os pressupostos em que se baseia este trabalho estão associados à concepção bakhtiniana de linguagem como *atividade dialógica* e aos conceitos de *gêneros de discurso*, *relações intergenéricas* e *estilos individuais*. É preciso que fique claro, entretanto, que nosso trabalho não está ancorado na reflexão bakhtiniana como um todo, mas utiliza elementos trabalhados por esse autor russo para, a partir deles, discutir a atividade do(s) sujeito(s) na internet. Assumimos os princípios da Análise do Discurso de linha francesa (AD), em particular, os propostos por Maingueneau (2001 [1998], 2004b) para a caracterização das *formas de genericidade* em um espaço discursivo, no qual se deve, ao mesmo tempo, recusar as divisões que se fundamentam somente em hábitos e levar em conta a especificidade dos diversos tipos de produção da linguagem.

A questão a que nos dedicamos diz respeito, portanto, à caracterização de um *estilo de gênero* e à possibilidade de reconhecimento de *estilos individuais* no trabalho do sujeito com a linguagem.

1. O autor do texto eletrônico

A questão da autoria nos parece particularmente interessante de ser analisada em um meio como a internet. Por um lado, a função autor é exaltada pelos entusiastas das novas tecnologias que acreditam que o meio é propício para a expressão da liberdade, já que ao autor é facultada a possibilidade de colocar em circulação a produção de textos escritos, imagéticos, sonoros, sem a ingerência do sistema editorial tradicional. De fato, não é pouco, se pensarmos nas restrições impostas, por exemplo, por fatores como a censura das instituições, os custos de produção, de distribuição, de divulgação de quaisquer obras. Poderíamos afirmar, com Chartier (1999 [1997]), que a função autor no texto eletrônico torna-se múltipla, pois ele passa a ser imediatamente editor, no duplo sentido daquele que dá forma definitiva ao texto e daquele que o difunde diante de um público de leitores (tarefa antes conferida ao distribuidor e ao livreiro) (cf. Chartier, 1999: 16).

Por outro lado, os dispositivos de edição eletrônica no computador possibilitam a execução de “copiar / colar” textos sem precedentes na história da atividade escrita. Os textos eletrônicos estão sujeitos a reescrituras múltiplas, à fragmentação, ao apagamento das marcas de autoria / autoridade de seu produtor; encontram-se, pois, expostos ao plágio, à imitação, ao empréstimo indevido. Os direitos (especialmente, os jurídicos) do autor se vêem ameaçados por um processo de desmaterialização difícil de estancar (cf. Chartier, 1999: 67).

Entre a suposta liberdade de publicação e o comprometimento dos direitos clássicos, o autor do hipertexto é concebido como o que organiza a estrutura textual, assinalando os *links* que orientam as escolhas do leitor em sua trajetória no meio eletrônico. Trata-se, para Bolter (2001), de um dos traços constitutivos da função autor do texto eletrônico: além de escolher as palavras, ele também é responsável por situar os *links* do hipertexto, para que o leitor explore a página eletrônica. Bolter avalia os benefícios dessa escrita eletrônica, que encorajaria os usuários a pensarem como as relações intertextuais podem ser pormenorizadas e explicitadas na estruturação do texto – jamais de maneira integral, mas com precisão crescente (cf. Bolter, 2001: 178-179).

De nosso ponto de vista, ser o organizador da seqüência textual é apenas uma das funções do autor na internet. Mesmo o traço de liberdade de publicação nos parece pouco categórico, já que na

¹ Doutoranda em Lingüística . *E-mail*: f.komesu@uol.com.br

² Esta reflexão é parte integrante de nossa tese de Doutorado em Lingüística, intitulada “Entre o público e o privado: um jogo enunciativo na constituição do escrevente de *blogs* da internet”, orientada pela Prof^a. Dr^a. Maria Bernadete Marques Abaurre, no Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), com financiamento da CAPES.

internet o usuário não deixa de estar (e de ser) sujeito às restrições sócio-históricas que constituem quaisquer práticas discursivas da linguagem. Concordamos com Possenti (2002), para quem a queda de um tipo de barreira não deve ser confundida com sua ausência pura e simples (cf. Possenti, 2002: 214-215). Há diferentes critérios, relacionados aos *posicionamentos* enunciativos, às pressões das instituições e às do mercado, que consolidam a consagração de um autor nos diferentes meios. Melo (2004) observa que, embora no ciberespaço cada sujeito seja efetivamente um potencial produtor de informação, esse traço não é suficiente para que exista uma democratização dos discursos. Da perspectiva da Análise do Discurso, essa autora enfatiza que “não basta que as idéias [estejam] lá depositadas, é preciso que elas circulem, que elas tomem corpo, que elas reverberem. Isto é, que elas entrem na *ordem do discurso* e não fiquem apenas ‘à deriva na superfície das águas’” [cf. Melo, 2004: 137 (grifos no original)].

Considerando os fatores acima enumerados, que implicam a definição de uma noção de autor na internet, propomos a instauração de sua problemática em um domínio específico, o dos *gêneros de discurso*. Acreditamos na pertinência desse procedimento na análise de um material empírico proveniente da internet. Seleccionamos um deles – os *blogs* –, cujo traço comum às demais atividades *on-line* voltadas para a auto-expressão (caso das páginas eletrônicas pessoais, por exemplo) é a construção como *hipertexto*³. A discussão será desenvolvida em dois planos: em um primeiro, com a definição do conceito de gênero de discurso e a identificação de traços definidores dos *blogs*; em um segundo, com o estabelecimento de critérios para o reconhecimento de *estilos individuais* em funcionamento no gênero.

2. O conceito de gênero de discurso

De nossa perspectiva, o conceito de *gênero do discurso* proposto por Bakhtin (1997c [1952-1953]) coloca em evidência o princípio dialógico que permeia sua reflexão sobre a linguagem. Trata-se da problematização dos *enunciados* (orais e escritos) que são produzidos e compartilhados (de maneira concreta e única) em esferas da atividade humana, enquanto “*tipos relativamente estáveis*”, provenientes dos *gêneros do discurso*. O critério essencial do enunciado, segundo Bakhtin, é seu *acabamento*, definido como a “*possibilidade de responder*”, ou “de adotar uma atitude responsável para com ele” (cf. Bakhtin, 1997c: 299). Há, pois, um espaço interacional entre o *eu* e o *outro* que deve ser reconhecido no estudo dos enunciados e dos gêneros do discurso.

Além do critério do acabamento, Bakhtin distingue duas outras particularidades do enunciado, também relacionadas ao princípio dialógico: a alternância dos sujeitos falantes e a relação que o enunciado estabelece com o próprio locutor e com os demais parceiros implicados na comunicação verbal. O enunciado (e o tipo a que pertence, isto é, o gênero do discurso) implica a atitude responsável do *outro* para ser completo. Seu índice *substancial* (ou *constitutivo*) é mesmo “o fato de *dirigir-se* a alguém, de estar voltado *para o destinatário*” [cf. Bakhtin, 1997c: 321 (grifos no original)].

Os estudos de Bakhtin são fundamentais em nossa discussão não somente porque focalizam a importância do papel do *outro* na atividade humana e na concepção de uma subjetividade, mas também porque enfatizam o traço histórico constitutivo da própria linguagem, condição crucial para a disciplina da Análise do Discurso. Não há um “Adão bíblico” a quem se pode reportar a origem dos enunciados, já que todos esses trazem em si “ressonâncias longínquas” da alternância entre enunciativo e enunciatário, e a *intertextualidade* constitutiva do discurso. Ignorar a natureza do enunciado e as particularidades dos gêneros do discurso leva, segundo Bakhtin, “ao formalismo e à abstração, desvirtua a historicidade do estudo, enfraquece o vínculo existente entre língua e vida” (cf. Bakhtin, 1997c: 282). É mediante a instauração de um *já-dito* – que é, no entanto, pronunciado sempre pela primeira vez como *acontecimento discursivo* –, que o indivíduo se faz sujeito na linguagem, no vínculo indissociável entre língua e vida, destacado por Bakhtin.

É preciso que explicitemos os usos que fazemos dos conceitos bakhtinianos. Como dissemos na introdução, este trabalho não está ancorado na reflexão bakhtiniana como um todo, ainda que ela, de fato, seja de nosso interesse. Acreditamos que seja necessário refinar conceitos para uma problematização no nível lingüístico, já que é sabido que a preocupação de Bakhtin estava voltada para as zonas limítrofes, nas fronteiras entre a lingüística, a filologia e a literatura, “em sua junção, em seu cruzamento” (cf. Bakhtin, 1997b [1959-1961]: 329). Todorov explicita, no prefácio à edição francesa da *Estética da criação verbal* (1997), que se trata do trabalho de um Bakhtin fenomenólogo e, talvez, “existencialista”. Distinguimos, com Todorov, esse *lugar* de onde Bakhtin enuncia. A qualidade excepcional de Bakhtin, de interesse dos estudos lingüístico-discursivos, está em abordar a *obra* não somente como “construção” ou “arquitetônica”, mas acima de tudo como “heterologia, pluralidade de vozes, reminiscência e antecipação dos discursos passados e futuros; cruzamento e ponto de encontros”. É desse modo que, para Todorov, Bakhtin reencontra a transtextualidade, no sentido de seu pertencimento à história da cultura (cf. Todorov, prefácio à Bakhtin, 1997: 18).

³ Do ponto de vista da técnica, o hipertexto é um documento que contém *links* (ligações eletrônicas) não lineares para outros documentos em rede, o que permite um processo de leitura não seqüencial.

A perspectiva assumida por Bakhtin no estudo dos gêneros do discurso é fundamentalmente comunicacional. Bakhtin considera que o enunciado e a palavra do outro são “conscientemente percebidos e distinguidos em sua alteridade” e, assim, introduzidos de modo intencional no enunciado pelo locutor que fala ou escreve (cf. Bakhtin, 1997c: 317-318). No âmbito da criação estética, essa percepção da atividade do sujeito é compreensível. Trata-se de uma *relação assimétrica*, em que o *eu* necessita do *excedente de visão do outro* para que sua vida seja dotada de sentido. É o princípio da *exotopia* do autor em relação ao *herói*. Esse *excedente de visão* é condicionado pelo lugar único que o sujeito ocupa no mundo, em um “instante preciso, num conjunto de dadas circunstâncias” (cf. Bakhtin, 1997a [1920-1930]: 43).

A perspectiva que adotamos para a concepção de nosso objeto de estudo é discursiva; não cabe, portanto, discutir as intenções do locutor em relação ao destinatário no ato da comunicação verbal. Interessa-nos investigar os *efeitos de sentido* resultantes dos enunciados produzidos sob determinadas *condições sócio-históricas*. A concepção de uma “compreensão responsiva”, como a formulada por Bakhtin na relação entre locutor e destinatário, não é, tampouco, relevante para o domínio da AD. Nesse caso, o que importa é o *posicionamento* do sujeito enunciatário / enunciatário, que, mediante o emprego de tal enunciado, de tal gênero de discurso, indicia como ele próprio se situa no espaço discursivo no qual se constitui. Segundo Maingueneau (2004a [2002]), o posicionamento designa ao mesmo tempo as operações pelas quais uma identidade enunciativa se instaura e se conserva em um campo discursivo, e a própria identidade. “O posicionamento não diz respeito apenas aos ‘conteúdos’, mas às diversas dimensões do discurso: ele se manifesta também na escolha destes ou daqueles gêneros de discurso, no modo de citar etc.” (Maingueneau, 2004a: 392-393). A identidade enunciativa de um sujeito não é, pois, “fechada e cristalizada”; ela depende do modo como o sujeito articula seu “trabalho incessante de reconfiguração” no interdiscurso.

Chegamos, assim, à questão motriz deste artigo: acreditamos que a discussão sobre uma noção de autoria na internet (e em quaisquer usos da linguagem) consiste no **trabalho do sujeito com a linguagem**. Trata-se de um trabalho condicionado pelo caráter histórico que constitui a linguagem e os sujeitos, o que significa dizer que há modos de atuação preferenciais sobre os gêneros de discurso. Ao sujeito, cabe articular a produção e a interpretação dos enunciados de maneira adequada às diversas atividades humanas. A consideração de uma concepção sócio-histórica, tanto do sujeito quanto da linguagem que o constitui, é o que permite afirmar, na reflexão de Abaurre (1997), não só uma relação dinâmica entre sujeito e linguagem, como também a possibilidade de voltar a atenção para os sujeitos reais e suas histórias individuais na relação com a linguagem. A linguagem tomada como *atividade*, ao mesmo tempo em que constitui os pólos da subjetividade e da alteridade é, também, constantemente modificada pelo sujeito (cf. Abaurre, 1997: 82). É essa relação dinâmica que procuraremos caracterizar na atividade dos *blogs*. O estudo das marcas de autoria e das marcas do gênero visa tanto à detecção do trabalho singular do sujeito com a linguagem como ao exame das normatizações ligadas às condições sócio-históricas de produção que permitiram a emergência desse modo de enunciação.

O sujeito assim concebido não é totalmente livre para se expressar como quiser, como se apregoa no âmbito da internet. Tampouco é um sujeito plenamente assujeitado, incapaz de fazer escolhas e de lançar apostas nos usos da linguagem. No caso do sujeito escrevente de *blogs*, acreditamos que ele será tanto mais autor quanto conseguir distinguir as especificidades do gênero e ligar-se ao jogo com o enunciatário do texto eletrônico.

2.1. *Blogs*: publicização de si, intimidade construída

Da perspectiva dos estudos lingüístico-discursivos, Maingueneau (2001 [1998]) define os gêneros de discurso como “dispositivos de comunicação que só podem aparecer quando certas condições sócio-históricas estão presentes”. O autor cita o exemplo do gênero do *relatório de estágio*, que supõe a existência de instituições empresariais e educacionais, de estudantes em busca de experiência profissional, de todo um sistema de ensino aberto ao mundo de trabalho (cf. Maingueneau, 2001: 61).

Para o que nos interessa, a assunção das condições sócio-históricas mencionadas por Maingueneau implica a problematização das *condições de produção* do gênero de discurso. Não temos competência teórica para, nem mesmo pretensão de avaliar o fenômeno dos *blogs* em sua amplitude sociológica, psicológica, comunicativa. Assinalamos a existência de trabalhos acadêmicos sobre o tema em áreas afins, como a Comunicação Social (cf. Oliveira, 2004; Recuero, 2003; Sibilia, 2003; Schittine, 2004). No domínio da Lingüística, há a publicação de um artigo de Marcuschi (2004), em que o autor avalia diversos gêneros textuais em emergência no contexto das tecnologias digitais, entre eles, o *blog*; além dessa reflexão, há nosso artigo sobre os *blogs* e as práticas de escrita sobre si na internet (cf. Komesu, 2004). É necessário apontar para esse panorama ainda restrito em termos de pesquisas sobre o tema, em contraposição à velocidade de transformação do suporte material, para explicitar que nosso estudo abrange um período do processo dos *blogs*, mais especificamente, os anos de 2001 e 2002. O material é composto por 53 (cinquenta e três) *blogs* de escreventes brasileiros. Essa produção escrita se encontrava disponível ao acesso de qualquer usuário da internet, sem a exigência de senha para a leitura.

No período da coleta dos dados, tínhamos em foco a associação que era estabelecida entre os *blogs* e os diários íntimos tradicionais. O recorte do material certamente condiciona a constituição do objeto de estudo. Se naquele período o modo de enunciação em evidência era o da exibição pública da cena cotidiana, atualmente há novos usos dos *blogs*, como os direcionados às atuações em campanhas políticas (cf. Recuero, 2004) e à difamação de colegas (cf. Fortino, 2004).

Do ponto de vista da caracterização lingüística, definimos o *blog* como uma página da internet com interface gráfica, cuja atualização freqüente dos *posts* (parágrafos escritos e enviados para o sistema da rede), identificada por marcas temporais (data, hora, tempos verbais, advérbios), é um dos traços definidores desse gênero. Caracterizamos a atividade de escrita dos *blogs* em uma *relação temporal assíncrona* (isto é, defasada em relação ao tempo de sua produção) entre enunciador e enunciatário, que é, no entanto, muitas vezes representada como *síncrona* (ou seja, constituída na simultaneidade temporal entre o que é escrito e o que é veiculado na rede). As marcações do dia e da hora exata do evento textual, indicadas de maneira automática pelo programa, apontam para um duplo caráter na concepção dessa atividade de escrita. Ao mesmo tempo em que o texto do *blog* é *eternizado* porque materializado no suporte da escrita, ele é, também, extremamente *fugaz*, porque é prontamente substituído ou apagado do espaço de circulação no suporte eletrônico. Os traços associados ao **tempo** de uma produção que se quer *instantânea, real*, são os mesmos que constituem o tempo que é *ressignificado* na atividade do sujeito que trabalha, na (sua) escrita, as memórias do passado e os projetos para o futuro. Centralizado no eixo do *aquí / agora* do escrevente, o gênero de discurso dos *blogs* coloca em evidência um modo de enunciação que intitulamos **publicização de si**, no qual o escrevente constrói um *lugar de prestígio* para si no relato do cotidiano, de sua história individual. A finalidade do texto é a *resposta do outro*, a possibilidade de acabamento do outro (*no outro*). Ao falar de si, o escrevente trabalha temas como os relacionamentos amorosos, familiares, entre amigos; reflexões sobre a vida, os medos, as inseguranças; comenta os filmes vistos no cinema, a passagem (sempre meteórica) do final de semana, os problemas com o computador e com as ferramentas de edição dos próprios *blogs*. O processo da **publicização de si** envolve, necessariamente, uma **intimidade construída** para ser compartilhada com o enunciatário. No entanto, a resposta do outro raramente é obtida com êxito. Os próprios escreventes reclamam em seus *posts* da ausência da participação do leitor, da falta de comentários enviados. Trata-se de uma das justificativas mais correntes para a “morte” dos *blogs*, aliada à falta de “tempo para postar” dos escreventes.

Acreditamos que as práticas de escrita dos *blogs* encontram-se sob o mesmo paradigma sócio-histórico avaliado por Bourdieu (1997) a respeito da televisão. O sociólogo francês define a televisão como “lugar de exibição narcísica”, cuja finalidade é “fazer ver e ser visto”. Reconhecemos no meio televisivo muitos dos traços definidores dos *blogs*: poder de alcance notório do suporte material; pressão do tempo; pressão do índice de audiência (reconhecido em números tanto na televisão como no contador de visitantes do *site*). É, porém, no chamado plano da informação que Bourdieu identifica o que seria menos visível no funcionamento da televisão, a saber, uma ação de *ocultar mostrando*:

Desejaria dirigir-me para coisas ligeiramente menos visíveis mostrando como a televisão pode, paradoxalmente, ocultar mostrando, mostrando uma coisa diferente do que seria preciso mostrar caso se fizesse o que supostamente se faz, isto é, informar; ou ainda mostrando o que é preciso mostrar, mas de tal maneira que não é mostrado ou se torna insignificante, ou construindo-se de tal maneira que adquire um sentido que não corresponde absolutamente à realidade. [Bourdieu, 1997: 24]

Bourdieu avalia que parte da ação simbólica da televisão consiste em atrair a atenção para fatos *omnibus*, termo cuja origem latina designa “para todos”. Os fatos-ônibus formam consenso e não dividem opinião, em contrapartida, não tocam em nada de importante (cf. Bourdieu, 1997: 23). A tarefa do profissional da televisão é conseguir transformar o cotidiano, o ordinário, em evento “extra-ordinário”, já que o índice de audiência é “o juízo final dos jornalistas” (cf. Bourdieu, 1997: 37).

A produção textual dos *blogs* investigados assemelha-se muito à ação de um *ocultar mostrando* definida por Bourdieu. Os temas também se referem a interesses gerais, mas são tratados em um nível argumentativo que atinge quase ninguém. Como discutir histórias individuais, experiências e preferências com um interlocutor desconhecido? O que o enunciador tem a dizer está destinado a atingir todo mundo? A finalidade do texto do *blog* (o acabamento do outro (*no outro*) parece fadada à sabotagem do próprio escrevente. Talvez a estratégia que deva ser adotada seja a mesma identificada por Bourdieu para a televisão: transformar o ordinário em “extra-ordinário”. Deve-se narrar o cotidiano, mas não de qualquer modo, pois assim estará fadado ao desprezo, ao esquecimento, à “morte” por falta de audiência (pela falta que o *outro* faz). O escrevente de *blog* é reconhecido socialmente quando trabalha com qualidade a (sua) escrita. Aquele que escolhe atuar nesse gênero deve conseguir distinguir seus traços definidores, sua organização textual, a fim de trabalhá-los no espaço de interação. O escrevente deve ser

capaz de investir na elaboração do título do *blog*, em sua apresentação pessoal, na lista com os *links* para outros *blogs*, que farão com que ele próprio circule e seja visto pela comunidade de blogueiros da internet. Não por menos, o escrevente se vale de argumentos de autoridade como os lugares de quantidade e de qualidade para validar seu posicionamento enunciativo.

O modo de enunciação do gênero de escrita dos *blogs* é definido no jogo enunciativo entre a **publicização de si** e uma **intimidade construída** que visa ao outro. O movimento pendular entre o público e o privado é ainda instaurado na relação dinâmica de um *ocultar mostrando* temas de interesse geral (mas que aparentemente não conseguem tocar o enunciatário) e um **mostrar ocultando** informações em que se espera a revelação de índices formais de intimidade (por exemplo, a designação pelo nome próprio). Nesse último caso, o escrevente escolhe utilizar recursos da língua, a exemplo de pronomes pessoais sem referentes anafóricos para designar, sem explicitar, *quem*, de fato, exerce algum tipo de influência em sua vida (afetiva, familiar, profissional). Desse modo é construída uma *cena enunciativa* que privilegia a exibição pública de sentimentos que são tomados, sócio-histórica e culturalmente, como privados, íntimos. O enunciador “atrai” o enunciatário até as fronteiras dessa intimidade construída para ser partilhada no espaço de interação do *blog*, mas acaba por *mostrar menos* do que seria aguardado em uma conversa confessional entre amigos, por exemplo. O acabamento do texto do *blog* não se dá ao final de cada *post*. A oração tem fim, o enunciado, não. O acabamento é o *acabamento do enunciado*, como definido por Bakhtin, na possibilidade de resposta do outro, característica da atividade da linguagem.

O esquema abaixo indicado foi construído a partir de considerações de Maingueneau (2001) sobre um “conjunto de condições de êxito” na atividade social dos gêneros de discurso (cf. Maingueneau, 2001: 65) e nas de Marcuschi (2004), a respeito de “parâmetros para identificação dos gêneros no meio virtual” (cf. Marcuschi, 2004: 32 e ss.). Interessa-nos identificar regularidades composicionais e discursivas do texto do *blog*.

Os critérios avaliados no gênero de discurso dos *blogs* foram os seguintes:

Finalidade reconhecida: Maingueneau avalia que todo gênero visa a responder à questão implícita: ‘Estamos aqui para dizer ou fazer o quê?’” (cf. Maingueneau, 2001: 66). No caso dos *blogs*, a resposta não se mostra de maneira evidente. Ela é composta por um duplo caráter. No nível do enunciado, o texto do *blog* visa ao acabamento do outro (*no* outro). No nível da enunciação, a finalidade é “fazer ver e ser visto”, mediante o jogo entre a **publicização de si** e a **intimidade construída** entre enunciador e enunciatário.

Estatuto dos parceiros legítimos: Segundo Maingueneau, nos diferentes gêneros de discurso, devem-se reconhecer os papéis assumidos pelo enunciador e co-enunciador (enunciatário) (cf. Maingueneau, 2001: 66). Na atividade dos *blogs*, há a função de *escrevente* e a de *leitor*. O número de enunciatários de um *blog* é ilimitado e, atualmente, não são raras os exemplos de escrita coletiva. É importante observar que o leitor do *blog*, em geral, tem um *blog* próprio, ou seja, também é escrevente; além disso, pode atuar (isto é, é desejável, pelo escrevente, que ele atue) como escrevente-comentador de *posts*. Marcuschi sugere que a relação dos participantes dos *blogs* pode ser assimétrica, já que todos os leitores que interagem com o blogueiro sabem quem ele é, mas não o contrário, pois pode não haver a identificação de quem entra em contato com ele (cf. Marcuschi, 2004: 35). A abertura ilimitada do número de destinatários, mediante o advento de novos dispositivos comunicacionais, é ressaltada por Maingueneau (cf. Maingueneau, 2001:81-82). O autor menciona os casos do rádio e da televisão para colocar em evidência a relação assimétrica, nós incluiríamos, ainda, o exemplo da internet e dos *blogs*, também citados por Marcuschi. A relação entre os participantes do *blog* pode ser detectada na instância do enunciatário.

As marcas de interlocução empregadas com frequência são *você* e a designação pelo nome próprio do enunciatário. No primeiro caso, *você* ocupa o lugar de um interlocutor anônimo. O efeito de sentido é semelhante ao apontado por Brandão (1998) em sua análise de textos publicitários: “O *você* é uma entidade autônoma que [...] ganha uma ilusória identidade no processo de alocação. Ilusória identidade porque sob a máscara de um tratamento personalizante, o *você* da propaganda visa a um interlocutor anônimo, qualquer um que ler o texto” (Brandão, 1998: 53). No segundo caso, o nome designado geralmente vem marcado como *link*. Ao clicar no nome, o leitor é enviado para a página *web* do referente. O efeito de sentido é a *corporalidade presentificada* nas relações virtuais.

Lugar e momento legítimos: Maingueneau considera que todo gênero de discurso implica certo lugar e certo momento, constitutivos de sua atividade (cf. Maingueneau, 2001: 66-67). O “lugar legítimo” para a atividade de escrita dos *blogs* é o terminal de acesso ao computador, munido com a ferramenta para a edição do *blog*, com acesso à internet, em geral, situado na casa ou no local de trabalho do escrevente. O traço da **temporalidade** é um critério fundamental para esse gênero. A **periodicidade** esperada é a diária; aguarda-se que o envio dos *posts* ocorra quase *simultaneamente* ao acontecimento vivido, o que requer do escrevente o acesso irrestrito ao equipamento necessário, além do *tempo* para o desenvolvimento dessa atividade. Os textos produzidos ficam armazenados no sistema da rede por um período indeterminado (esse fator depende da capacidade de armazenamento de dados do provedor, isto é, da tecnologia). Os escreventes mantêm *arquivos* dos textos postados, o que permite aos leitores (e a eles próprios) conservarem a *seqüência*, a **continuidade** dos eventos relatados. A **validade** dos textos dos

blogs tem um duplo caráter: é *diária*, porque se refere ao acontecimento centrado no eixo do *aqui / agora* do escrevente; é *acrônica*, porque acontece fora do tempo determinado pelo *lugar* e *momento* legítimos da enunciação. Na atividade dos *blogs*, o escrevente *ressignifica* os eventos da (sua) vida.

Suporte material: O suporte é o modo de manifestação material dos discursos, define Maingueneau. Com efeito, para esse autor, é preciso observar tanto o suporte quanto o *modo de difusão* e de *estocagem* do texto, pois qualquer modificação do *mídium* implica transformação do gênero de discurso. (cf. Maingueneau, 2001: 68; 71-73). No caso dos *blogs* da internet, a distinção parece difícil de ser visualizada. O suporte material do *blog* é o computador, munido da ferramenta para a publicação de *blogs*, conectado à internet, ou é a escrita do texto (eletrônico)? É preciso levar em consideração que a tecnologia é constitutiva do modo de interação entre enunciador e enunciatário. É, pois, traço definidor do gênero. Levando-se em consideração a escrita como suporte, emerge a questão de sua *estabilidade material*. O texto do *blog* é ao mesmo tempo *um* e *vários*; como hipertexto, permite a relação (potencialmente ilimitada) com outros textos em rede. Diríamos que é uma unidade marcada pela exponenciação. Esse traço *não linear*, *não hierárquico*, *rizomático*, *múltiplo*, atribuído ao hipertexto e, por extensão, aos gêneros por ele constituídos, associa-se ao processo de desmaterialização do texto eletrônico, apontado por Chartier (1999). A impossibilidade de detecção de uma identidade específica do texto eletrônico reafirma a instabilidade dos direitos do autor na internet.

Quanto à modalidade escrita, ela é caracterizada por um estilo coloquial, com interlocução explícita, voltada para o leitor (desconhecido ou não). Apesar da associação dos *blogs* com os diários íntimos, são raros os casos em que o enunciador se dirige ao enunciatário identificado como “diário”. De nosso ponto de vista, a coloquialidade impressa aos textos é condizente com a **intimidade construída** no espaço de interação dos *blogs*. O uso de abreviaturas, de *emoticons*, de alongamento de vogais, de pontuação excessiva, comuns ao gênero dos *chats*, não foi detectado na escrita dos *blogs*. As ocorrências parecem estar vinculadas ao critério da faixa etária (em geral, a dos adolescentes).

Organização textual: Para Maingueneau, todo gênero está associado a uma *organização textual*, a *modos de encadeamento* de seus constituintes em diferentes níveis, que caberiam à Linguística Textual estudar (cf. Maingueneau, 2001: 68). No domínio da Linguística Textual, Marcuschi (2004) propõe caracterizar os gêneros textuais em emergência no contexto digital a partir de determinados aspectos por ele considerados definidores (cf. Marcuschi, 2004: 34-35). Em relação ao aspecto de organização textual, Marcuschi observa que a *extensão do texto* (indefinida, longa, curta) é um traço irrelevante para a definição do *blog*. O autor observa a ausência de textos curtos. Concordamos com Marcuschi; de fato, a extensão do *blog* (e do *post*) não se mostrou traço relevante para a definição do gênero. Entretanto, assinalamos a existência de textos curtos, característicos dos *blogs* que se dedicam a colocar em circulação *links* para *sites* de interesse do escrevente. Os endereços eletrônicos vêm seguidos de comentários (textos) breves.

Além da extensão do texto, Marcuschi aponta para o *formato textual* e indica que o texto é corrido nos *blogs*. Supomos que o que Marcuschi chama de *texto* nos *blogs* é o equivalente aos *posts*. Consideramos o *post* como um texto corrido, de tamanho variável (uma linha, vários parágrafos, o que mostra que sua extensão não é mesmo traço definidor do gênero) e de conteúdo diversificado. A página inicial do *blog* geralmente exibe o título, a apresentação do escrevente, endereço eletrônico para contato, arquivo para textos anteriores, *links* para outros *sites* (principalmente, *blogs*). Há o dispositivo de barra de rolagem, no qual leitor deve clicar para ler os *posts*, exibidos em ordem cronológica (do mais recente ao mais antigo). O *post* termina com a assinatura do escrevente seguida pelo dispositivo de comentário, que pode ou não ser preenchido pelo leitor e enviado ao sistema. De nosso ponto de vista, a organização textual detectada reflete o modo de **publicização do escrevente** (por meio de elementos textuais como o título do *blog*, a apresentação pessoal, e também elementos não verbais, como o *layout* da página *web*) e a **intimidade** que deve ser **construída** entre o enunciador e o enunciatário. O escrevente deve se valer de dispositivos como *e-mail* e o mecanismo de comentário do *post* para o recebimento de respostas do(s) enunciatário(s).

É importante observar, ainda, que a caracterização de um gênero passa pela necessária consideração de sua relação dialógica com outros gêneros de discurso em circulação. Trata-se das **relações intergenéricas** constitutivas dos gêneros de discurso⁴. Neste trabalho, não foi possível abordá-las de maneira direta, mas sua existência deve ser observada atentamente no estudo das práticas discursivas. A tentativa de definir um gênero por ele mesmo, desconsiderando a heterogeneidade de sua constituição, acabaria por conceber a linguagem como um monólogo. Há, pois, um certo conjunto de relações intergenéricas “previstas”, mas variáveis dentro de certos padrões que devem ser descritos pelo pesquisador. No caso dos *blogs*, seria interessante observar sua constituição no âmbito de convivência com outros tipos de escrita, como os diários, as autobiografias, as confissões, as memórias e as páginas eletrônicas pessoais da internet.

⁴ A respeito das relações intergenéricas constitutivas de uma definição de gênero de discurso, cf. Komesu, 2001, em especial, capítulo 5.

A associação entre a **intimidade construída** e a **publicização** da imagem do sujeito (a exemplo do que ocorre na televisão) é um fenômeno que “ganha corpo” no texto do escrevente, ávido por “fazer ver e ser visto”. Como ganhar *visibilidade* no emaranhado de *links* que compõem a rede mundial de computadores? A identificação desse procedimento pode ser uma das funções do autor na internet.

3. O sujeito e o trabalho com a (sua) escrita

O autor é dado como “origem”, “causa principal” na definição institucionalizada pelos dicionários contemporâneos. Acreditamos que essa definição que legitima – ao restringir a atribuição do termo a quaisquer indivíduos – está relacionada ao conceito de gênero, em especial, aqueles socialmente valorizados, como o literário. Da perspectiva dos estudos lingüístico-discursivos, propomos a concepção de autor como “agente”. A definição também se encontra dicionarizada, mas não é usual. O traço semântico que atribuímos ao “agente” é “aquele que atua”, “o que desencadeia ação ou efeito”; dito de outra maneira, aquele que trabalha com a linguagem.

Para Franchi (1977), a linguagem é *atividade constitutiva* dos sujeitos e de suas práticas:

A linguagem, pois, não é um dado ou resultado; mas um trabalho que ‘dá forma’ ao conteúdo variável de nossas experiências, trabalho de construção, de retificação do ‘vívido’, que ao mesmo tempo constitui o sistema simbólico mediante o qual se opera sobre a realidade e constitui a realidade como um sistema de referências em que aquele se torna significativo. Um trabalho coletivo em que cada um se identifica com os outros e a eles se contrapõe, seja assumindo a história e a presença, seja exercendo suas opções solitárias. [Franchi, 1977: 22]

Em seu caráter histórico, a linguagem “não é um recomeçar, como não é um repetir” (Franchi, 1977: 21). Ela é constitutiva da relação dinâmica entre os sujeitos reais e suas histórias individuais. Propomos, pois, que a concepção de autor na internet seja vinculada à análise qualitativa de sua produção textual, a qual permitiria identificar o trabalho do sujeito com a (sua) escrita, em sua inscrição no gênero de discurso. É o próprio Bakhtin (1997c) quem assinala a existência de gêneros mais ou menos maleáveis, plásticos, aptos para refletir a individualidade na língua do enunciado. Acreditamos que os gêneros em circulação na internet constituam um interessante material para a avaliação da ação dos sujeitos na linguagem. Trata-se, ainda, da oportunidade de colocar em questão o lugar legitimado destinado ao autor-origem. O autor-origem segue o rastro do “Adão bíblico” que seria o primeiro a pronunciar as palavras. Em contraposição, a concepção de um autor-agente, como o que realiza um trabalho (diferenciado) na linguagem, permite refletir sobre a atuação de um sujeito historicamente constituído, mas que não é plenamente “assujeitado” por um discurso “todo poderoso”.

Maingueneau (1984) concebe a noção de *competência discursiva* para designar o fato de que o sujeito é capaz de produzir enunciados pertencentes a este ou aquele discurso, no domínio do sistema de regras que torna os discursos possíveis. Em um espaço discurso, Maingueneau considera que a competência deve ser pensada como *competência interdiscursiva*, o que supõe tanto a aptidão para o reconhecimento da incompatibilidade semântica de enunciados da(s) formação(ões) discursiva(s) que constitui(m) o Outro, como a aptidão para a interpretação e a “tradução” desses enunciados nas categorias de seu próprio sistema de regras (cf. Maingueneau, 1984: 45-53). Esse princípio permitiria esclarecer minimamente a articulação entre o discurso e a capacidade dos sujeitos de interpretar e produzir enunciados dele decorrentes. Maingueneau observa, porém, que é preciso não confundir a estrutura do conteúdo dessa competência e suas condições formais de possibilidade, já que o conteúdo “é historicamente determinado e [...] os Sujeitos não escolhem ‘livremente’ seus discursos” (Maingueneau, 1984: 51). A noção de *competência (inter)discursiva* proposta por Maingueneau coloca em evidência a heterogeneidade constitutiva da linguagem, supondo a presença constante do outro no interior de cada discurso. Em última instância, trata-se da assunção do princípio dialógico da linguagem historicamente constituída. Na observação do próprio autor, a noção oferece meios de atribuição de um estatuto pleno à heterogeneidade, “entre os enunciadores que pertencem à mesma formação discursiva, entre os textos de um mesmo enunciador, e mesmo entre diversas partes de um mesmo texto” (Maingueneau, 1984: 57-58).

De nosso ponto de vista, o autor na internet é um *agente* que desencadeia efeitos de sentido em seu trabalho com os gêneros de discurso da linguagem. Admitindo o conceito de gênero como um certo conjunto de relações intergenéricas previstas, o gênero pode dar margem ao tratamento de um *estilo individual*, constituído a partir de um trabalho do sujeito com essas relações intergenéricas. Esse trabalho pode ser detectável nas articulações, lingüisticamente marcadas, entre os gêneros. Trata-se do trabalho com os elementos da organização textual, na escolha dos *links* que compõem o hipertexto, e também da elaboração de textos não verbais (como animação e som) componentes da *cena enunciativa* do gênero. Além do trabalho de articulação de suas referências para a construção da página *web*, o autor também é

aquele a quem é facultada a função de editor, no duplo sentido daquele que dá forma definitiva ao texto e daquele que o difunde diante de um público de leitores (cf. Chartier, 1999). O estilo individual surgiria, portanto, das relações de sentido que cada sujeito pode realizar e que dão possibilidade, ligada à história constitutiva desses sujeitos, de compor determinado estilo. A noção de sujeito e a de autoria emerge, em nossa reflexão, desse **papel desestabilizador** no que se refere às relações intergenéricas previstas para o gênero de escrita dos *blogs*. Consideramos que o sujeito escrevente tem um **“poder desestabilizador”** no que se refere ao trabalho com a (sua) escrita, e não apenas à possibilidade (única) de reprodução de um gênero como modelo institucionalizado, ainda mais em se tratando de um gênero em formação, caso dos *blogs*.

A função autor na internet existe essencialmente em função da do leitor. Em um gênero como o dos *blogs*, no qual os leitores são, em sua maioria, desconhecidos, o autor deve investir na produção textual e na abertura de canais de contato com o outro, possíveis graças ao suporte material. Afinal, a finalidade reconhecida do texto do *blog* é o acabamento do outro (*no* outro). No modo da enunciação, entretanto, o que se observa é que a ênfase se dá na ação de “fazer ver e ser visto”, com a **publicização de si**, em detrimento da manutenção efetiva de uma **intimidade** que se pretende partilhada com o enunciatário.

4. Considerações finais

Neste artigo, procuramos apresentar o panorama em que se encontra a função autor em tempos de internet. Por um lado, projeta-se a liberdade irrestrita quanto à produção e à publicação de seus textos; por outro, o autor observa a restrição de seus direitos legais por imposição do próprio meio, que facilita a ação do plágio, da imitação, do empréstimo indevido da produção textual.

Buscamos problematizar a questão no âmbito da discussão dos estilos de gênero e dos estilos individuais. A partir do estudo de um gênero em emergência, o dos *blogs*, propusemos uma noção de autor como *agente da e na* linguagem historicamente constituída. O autor assim concebido é capaz de produzir e de distinguir enunciados no espaço discursivo, partilhado com o outro.

Considerando a especificidade do meio em questão, e do gênero em particular, destacamos que o autor dos *blogs* é aquele que deve se voltar para o outro, tendo em vista a finalidade reconhecida do gênero: a abertura para o outro, representada na **intimidade construída** no espaço de interação. No modo da enunciação, entretanto, o que se observa é que o tratamento de temas de fácil entendimento, a exemplo do cotidiano do escrevente, conduz à banalidade e não estimula o esperado *diálogo*; corrobora, simplesmente, a **publicização**, o falar **de si**, do escrevente.

RESUMO: Neste artigo, propomos a discussão de uma noção de autoria na internet. A partir do estudo de um gênero em particular, o dos *blogs*, os chamados diários da internet, buscamos avaliar o processo de reconhecimento dos estilos de gênero e dos estilos individuais nas práticas da linguagem.

PALAVRAS-CHAVE: Gêneros de discurso; autoria; escrita; *blogs*; Análise do Discurso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABAURRE, Maria Bernadete Marques. Uma história individual. In: ABAURRE, Maria Bernadete Marques; FIAD, Raquel Salek; MAYRINK-SABINSON, Maria Laura Trindade. *Cenas de aquisição da escrita: o sujeito e o trabalho com o texto*. Campinas (SP): Associação de Leitura do Brasil (ALB): Mercado de Letras, 1997, p.79-115.
- BAKHTIN, Mikhail. O autor e o herói. In: *Estética da criação verbal*. Tradução feita a partir do francês: Maria Ermantina Galvão G.Pereira. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997a [1920-1930], p.23-220.
- _____. O problema do texto. In: *Estética da criação verbal*. Tradução feita a partir do francês: Maria Ermantina Galvão G.Pereira. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997b [1959-1961], p.327-358.
- _____. Os gêneros do discurso. In: *Estética da criação verbal*. Tradução feita a partir do francês: Maria Ermantina Galvão G.Pereira. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997c [1952-1953], p.277-326.
- BOLTER, Jay David. *Writing space: computers, hypertext, and the remediation of print*. 2.ed. Mahwah, New Jersey: Lawrence Erlbaum, 2001.
- BOURDIEU, Pierre. *Sobre a televisão: seguido de A influência do jornalismo e Os jogos olímpicos*. Tradução: Maria Lúcia Machado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- BRANDÃO, Helena H. Nagamine. *Subjetividade, argumentação, polifonia: a propaganda da Petrobrás*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.
- CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. Tradução: Reginaldo de Moraes. São Paulo: Editora UNESP / Imprensa Oficial do Estado, 1999 [1997].
- FORTINO, Leandro. Rede de intrigas. *Folhateen. Folha de S.Paulo*, 14/06/2004, p.6-7.
- FRANCHI, Carlos. Linguagem – atividade constitutiva. *Almanaque*, n.5. São Paulo: Brasiliense, 1977, p.9-27.

- KOMESU, Fabiana Cristina. *A escrita das páginas eletrônicas pessoais da internet: a relação autor-herói/leitor*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. Campinas (SP): [s.n.], 2001. Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Maria Bernadete Marques Abaurre.
- _____. *Blogs e as práticas de escrita sobre si na internet*. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio & XAVIER, Antônio Carlos dos Santos. (orgs.) Rio de Janeiro: Lucerna, 2004, p.110-119.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de comunicação*. Tradução: Cecília P. de Souza-e-Silva e Décio Rocha. São Paulo: Cortez, 2001 [1998].
- _____. *Genèses du discours*. 2.ed. Bruxelles: Pierre Mardaga, 1984. (Tradução: Sírio Possenti).
- _____. Posicionamento (verbete). In: CHARAUDEAU, Patrick & MAINGUENEAU, Dominique. (orgs.) *Dicionário de Análise do Discurso*. Coordenação da tradução: Fabiana Komesu. São Paulo: Contexto, 2004a [2002], p.392-393.
- _____. Retour sur une catégorie: le genre. In: ADAM, J.-M.; GRIZE, J.-B.; BOUACHA, M. A. (orgs.) *Texte et discours: catégories pour l'analyse*. Editions Universitaires de Dijon, 2004b, p.107-118.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio & XAVIER, Antônio Carlos dos Santos. (orgs.) Rio de Janeiro: Lucerna, 2004, p.13-67.
- MELO, Cristina Teixeira Vieira de. A análise do discurso em contraponto à noção de acessibilidade ilimitada da Internet. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio & XAVIER, Antônio Carlos dos Santos. (orgs.) Rio de Janeiro: Lucerna, 2004, p.135-143.
- OLIVEIRA, Rosa Meire Carvalho de. De onda em onda: a evolução dos ciberdiários e a simplificação das interfaces. Disponível em: www.bocc.ubi.pt. Coletado em: 21/06/2004.
- POSSENTI, Sírio. Notas um pouco céticas sobre hipertexto e construção de sentido. In: *Os limites do discurso: ensaios sobre discurso e sujeito*. Curitiba (PR): Criar, 2002, p.205-225.
- RECUERO, Raquel. Quando os blogs e a democracia se encontram. Disponível em: http://www.novae.inf.br/centrodaterra/blogs_democracia.htm. Coletado em: 25/06/2004.
- _____. Weblogs, webrings e comunidades virtuais. Disponível em: <http://www.pontomidia.com.br/raquel/webrings.pdf>. Coletado em: 13/06/2003.
- SCHITTINE, Denise. *Blog: comunicação e escrita íntima na internet*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.
- SIBILIA, Paula. Os diários íntimos na Internet e a crise da interioridade psicológica. In: LEMOS, André & CUNHA, Paulo. (orgs.) *Olhares sobre a cibercultura*. Porto Alegre: Sulina, 2003, p.139-152.